

A LITERATURA COMO FONTE DE APRENDIZAGEM PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: EXPERIÊNCIA DE INTERVENÇÃO NO PROGRAMA DE MONITORIA

Francisco Antonio do Carmo de Abreu ¹
Ana Carolina Araújo Martins ²
Ms. Edilberto Florêncio dos Santos ³

RESUMO

O presente artigo pretende abordar a aproximação entre História e Literatura e como ela pode ser importante no processo de ensino-aprendizagem nas aulas de História. Discutiremos como a literatura tem sido apropriada pelo fazer histórico, principalmente a partir dos historiadores da *Novelli Historie*, em que a História busca, justamente, uma aproximação maior com outras áreas do conhecimento e debates em torno de questões do cotidiano e da cultura. Esse processo de interdisciplinaridade reflete sem dúvidas, no ensino de História, uma vez que se torna possível a utilização de novas fontes historiográficas em sala de aula. Mediante isso, partiremos de uma experiência de intervenção do Programa de Monitoria na disciplina de História Moderna I, do curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, na qual buscamos ministrar uma aula fazendo uso da literatura como norte para compreender o contexto social, político e cultural da chamada Idade Moderna. Para esta proposta, fizemos uso do conceito de aula-oficina como modelo pedagógico. Desta forma, percebemos que o ensino de História, valendo-se da literatura, não só dinamiza a aula como também permite aos estudantes conhecer alguns elementos da construção das narrativas históricas.

Palavras-chave: Ensino de História, Literatura, Interdisciplinaridade.

INTRODUÇÃO

A efervescência das discussões acerca do ofício do historiador em decorrência das renovações no campo da historiografia, principalmente a partir da segunda metade do século XX, abriu caminho para a aproximação da História com outras áreas do conhecimento, permitindo que se trabalhasse com uma diversidade maior de temas e fontes históricas, dando importância a sujeitos antes ignorados pela historiografia dita “tradicional”. Tinha-se, também, um interesse maior pela dimensão cultural da História e as representações da realidade criadas pelas sociedades, buscando estudar as diferentes linguagens que mantêm uma íntima ligação com a vida social, como o teatro, a música, o cinema e a literatura.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, Bolsista do Programa de Educação Tutorial PET-História, fco.abreu13@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, kioliaraujo@gmail.com;

³ Professor orientador: Mestre em História e Culturas pela Universidade Estadual do Ceará - UECE, edilberto2330@gmail.com.

O presente trabalho é fruto de uma experiência de intervenção do Programa de Monitoria na disciplina de História Moderna I, atividade proposta pelo professor Edilberto Florêncio do Santos – então professor da disciplina e orientador da monitoria – no Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, que visava trabalhar a literatura como um caminho possível para o ensino de História.

O projeto consistia em aplicar uma aula com o objetivo de explicar como a literatura poderia ser apropriada no ensino de História. Trabalhamos fundamentalmente com a literatura de caráter dramático, a fim de desenvolver com os alunos uma atividade de leitura dramática⁴. A aula, então, voltou-se, inicialmente, para uma explicação sobre o conceito de Literatura e como ela passa a ser vista e trabalhada pela História, principalmente a partir da chamada “crise dos paradigmas” (PESAVENTO, 2005), que passa a questionar as estruturas de explicação da realidade, o que provoca, por conseguinte, um processo de revisão e reestruturação acerca da construção do saber.

Abordamos, em seguida, de forma geral, como era descrito pela historiografia o período da Idade Moderna, sobretudo algumas questões centrais sobre as estruturas sociais, políticas e econômicas da Europa Ocidental nos séculos XVI, XVII e XVIII. Neste momento, apresentamos os principais aspectos artístico-culturais da época, fundamentalmente sobre a literatura, a fim de construir um entendimento entre as produções literárias e a construção do corpo social do período. Para isso, usamos como referência as obras: *Otelo, o Mouro de Veneza* (publicada pela primeira vez por volta de 1622), do inglês William Shakespeare (1564-1616) e *A farsa de Inês Pereira* (1523), do português Gil Vicente (1465-1536).

Por fim, realizamos a atividade de leitura dramática, em que os alunos recitavam trechos das obras de Shakespeare e Vicente, citadas anteriormente. A partir disso, eles deveriam identificar aspectos políticos, culturais e de sociabilidade com relação ao período de produção dos textos.

Acreditamos que o trabalho com a literatura no ensino de História é um dos caminhos para que se possa tornar as aulas mais dinâmicas e menos cansativas. Além disso, permite, levar o conhecimento e a compreensão do passado para os alunos (BLANCH, 2013). Através dessa relação podemos discutir questões como as características, as sociabilidades e os modos de agir de uma determinada sociedade por meio de obras literárias sobre um determinado período histórico. Não somente isso, mas é possível discutir também como o imaginário e a ficcionalidade são empregadas nos textos históricos e literários.

⁴ “A leitura dramatizada constitui-se na apresentação pública de uma leitura de texto teatral, em que atores interpretam uma peça ou parte dela com o texto em mãos” (METZLER, 2006, p.131).

Sendo assim, neste artigo, buscaremos abordar como a literatura pode ser uma peça importante para o ensino de História não somente adotando essa interdisciplinaridade no meio universitário, mas, fundamentalmente, na educação básica, demonstrando que o professor de História pode ir além de narrar fatos em sua aula, proporcionando aos alunos o contato com os elementos da construção da narrativa histórica.

METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, fizemos uso do método qualitativo, o qual, segundo Lüdke e André (1986, p. 13), “envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes”. Neste sentido, procurou-se através da intervenção uma maneira de dinamizar a aula, propondo uma aproximação entre o conteúdo histórico com produções literárias, para, a partir dessa experiência, entender como os alunos receberam a proposta, como decorreu a participação deles e quais as suas considerações sobre o método utilizado para a aula.

Com relação a intervenção, ela ocorreu em fevereiro de 2019 na turma do quinto período do curso de Licenciatura em História, na disciplina de História Moderna I, com duração de duas horas e trinta minutos. Como recurso, fizemos uso de notebook, projetor de imagens e as obras *Otelo, o Mouro de Veneza*, de William Shakespeare e *A farsa de Inês Pereira*, de Gil Vicente.

Para nossa proposta, fizemos uso do modelo pedagógico de aula-oficina, no qual, segundo Isabel Barca “o aluno é efetivamente visto como um dos agentes do seu próprio conhecimento, as atividades das aulas, diversificadas e intelectualmente desafiadoras, são realizadas por estes e os produtos daí resultantes são integrados na avaliação.” (BARCA, 2004, p. 133). Assim, concordamos com Barca que o ensino de História não se resume a exposição de fatos ou acontecimentos; a sala de aula deve ser um espaço no qual o aluno deve elaborar, com a ajuda do professor, as significações da sociedade na qual ele está inserido, ou seja, ele é, neste sentido, um protagonista na construção do conhecimento.

A aula, então, foi dividida basicamente em três momentos. Inicialmente, abordamos o conceito de literatura e como ela passa a ser vista e trabalhada pela História, principalmente a partir da chamada “crise dos paradigmas” (PESAVENTO, 2005), em que se passa a questionar as verdades e os modelos de explicação da realidade, abrindo caminho para o

alargamento do campo histórico, permitindo ao historiador trabalhar com uma diversidade maior de temas e fontes de pesquisa.

Em seguida, procuramos abordar, de forma geral, como era descrito pela historiografia o período da Idade Moderna, tendo como base a leitura de Paulo Miceli (2013). Buscávamos sempre um diálogo com os principais aspectos artístico-culturais da época, principalmente com a literatura, com o objetivo de estabelecer uma relação entre as produções literárias e a sociedade daquele período. Para isso, nesta mesma etapa da aula, apresentamos as biografias de William Shakespeare e Gil Vicente, bem como fizemos uma análise das suas produções ao longo de suas trajetórias. A partir disso, apresentamos as obras *Otelo, o Mouro de Veneza*⁵ e *A farsa de Inês Pereira*⁶, para que debatêssemos as principais características da sociedade estudada que estavam inseridas nesses textos e entender como essa mesma sociedade influencia as produções literárias.

Por fim, realizamos uma atividade de leitura dramática, dividindo a turma em grupos e, a partir de então, os alunos recitavam trechos das obras de Shakespeare e Vicente, citadas anteriormente. Após essa atividade, eles deveriam identificar aspectos culturais e de sociabilidade com relação ao período de produção dos textos.

DESENVOLVIMENTO

A História tida como aquela que trabalha a serviço de apresentar uma verdade absoluta, embasada pelo discurso de uma pretensa verdade histórica e factual há muito foi superada, proporcionando um alargamento dos domínios da *Clío*, resultando em transformações acerca do saber histórico e proporcionando a análise e o trabalho sobre novas temáticas e objetos, trazendo à tona novos olhares para o campo historiográfico. (PESAVENTO, 2005)

É principalmente a partir da segunda metade do século XX que veremos mudanças profundas não só na historiografia, mas também no ensino de História, uma vez que este

⁵ A história traz em sua trama a tragédia do ciúme, da traição e da inveja. A narrativa apresenta Otelo, um general mouro do exército veneziano, que casa-se com Desdêmona, uma jovem gentil e filha de um rico senador de Veneza. Após promover o soldado Cássio ao cargo de tenente, Iago, alferes do general, que almejava tal posto, desperta não só uma inveja devastadora como decide se vigiar de Otelo, desencadeando, assim, uma trama de romance, intrigas e assassinatos.

⁶ A peça é baseada no ditado “mais vale asno que me leve que cavalo que me derrube” e gira em torno de Inês Pereira, uma moça bonita e solteira, que vê no casamento uma oportunidade para livrar-se da vida doméstica. A personagem busca ascensão social e, por isso, a princípio, rejeita Pêro Marques, um camponês provinciano rico e honesto, contudo bronco e ingênuo, para casar-se com Brás da Mata, um escudeiro, porém de má índole e dissimulado. A obra, principalmente na figura de Inês, apresenta uma crítica aos comportamentos amorais da sociedade naquela época.

período marca um grande processo de revisão e reestruturação acerca da construção do saber, sobretudo com o surgimento da chamada “Escola dos Annales”, movimento historiográfico que se consolida a partir de 1929 liderado por Lucien Febvre e Marc Bloch, que buscava combater as estruturas tradicionais da historiografia fazendo fortes críticas à “história factual”.

Os Annales, então, trazem como principal item programático a *história-problema* – que propunha combater os modelos historiográficos que se limitavam a narração ou exposição de fatos e informações sem problematizá-los (FEBVRE, 1989). É neste contexto, e principalmente com os historiadores da *Novelli Historie*, ou terceira geração de annalistas, que novas problemáticas são propostas à forma de fazer História, abrindo caminho para a efetivação de novos métodos de pesquisa e, por conseguinte, o trabalho com uma nova perspectiva de fontes históricas e postura do historiador, adotando um caráter interdisciplinar do conhecimento, não mais se limitando aos campos econômicos e políticos balizados outrora pelas “fontes oficiais”.

Elizabeth Medeiros assevera que:

Nas últimas décadas, com o surgimento da Nova História, na escola dos Annales, a ampliação de fontes e de temas para a pesquisa histórica e para as novas tecnologias a serviço da área educacional desencadeou um intenso debate sobre as questões metodológicas e estratégias que envolvem o ensino de História. O processo de crítica atinge, principalmente, a permanência da forma tradicional da aula de História, estruturada sobre o factual, a memorização e o intenso uso do livro didático e paradidático, em substituição a um planejamento decorrente de uma ação reflexiva do professor (MEDEIROS; 2005, p.60).

Tais mudanças no campo do fazer histórico não só questiona o ofício do historiador enquanto pesquisador, mas também dele enquanto professor. Ou seja, as discussões também passam a adentrar no campo do ensino da disciplina de História, fundamentalmente em um movimento de combate ao chamado “método tradicional” de ensino.

Circe Bittencourt coloca que:

As críticas sobre os métodos de ensino levaram os educadores, no fim dos anos 60 do século XX, a dar maior ênfase a esse aspecto, e a renovação do ensino recaiu nas questões metodológicas. A ênfase na necessidade de renovação metodológica favoreceu o surgimento de propostas que separavam os métodos de ensino dos conteúdos explícitos. Em várias propostas de renovação de métodos, notadamente na de alguns educadores que seguiam as tendências herdadas da Escola Nova, prevalecia a concepção de que o conteúdo das disciplinas escolares era apenas um meio para atingir determinado tipo de aprendizado (BITTENCOURT, 2008, p. 225).

As mudanças de pensamento acerca do modo de ensinar levou a combater o ensino tradicional da disciplina de História, que outrora se limitava a narração de acontecimentos históricos e a valorização de fatos políticos e dos grandes personagens, fazendo do espaço

escolar um lugar de reprodução de informações e não de construção do conhecimento. Assim, era comum um ensino no qual o aluno “aprendia” decorando conteúdos. Sobre isso, Maria Auxiliadora Schmidt diz que:

A sala de aula não é apenas um espaço onde se transmite informações, mas onde uma relação de interlocutores constroem sentidos. Trata-se de um espetáculo impregnado de tensões em que se torna inseparável o significado da relação teoria e prática, ensino e pesquisa (SCHMIDT, 1997, p.57).

Assim, destacamos que o uso da Literatura, das obras literárias como uma linguagem alternativa para o ensino de História se torna uma possibilidade real, uma vez que a partir da sua aproximação com a História é possível abordar diferentes modos de interpretar determinados contextos históricos e contar aspectos de uma determinada realidade. Sandra Pesavento afirma que “[...] História e Literatura são formas distintas, porém próximas, de dizer a realidade e de lhe atribuir/desvelar sentidos, e hoje se pode dizer que estão mais próximas do que nunca” (PESAVENTO, 2003, p.32).

Para Joan Blanch:

As fontes literárias permitem uma compreensão empática do passado já que apresentam uma situação ou personagem “a partir de dentro”, desde um ponto de vista mesmo da situação narrada. Possui aspectos vinculados à micro-história social e a história da vida material e das mentalidades. Falam da família, dos conflitos humanos, do lazer, da casa, da vida e da morte, do amor, dos homens e mulheres, das meninas e meninos, dos jovens, de seus sofrimentos e prazeres, de suas angústias e ilusões, de suas lutas e dos seus trabalhos, do seu pensamento e do seu comportamento (BLANCH, 2013, p. 36).

Por mais que a Literatura não tenha como objetivo retratar fielmente fatos do passado, apresentando muitas vezes acontecimentos e personagens ficcionais, ela se apresenta como um produto de seu tempo, as obras apresentam características do contexto no qual elas são produzidas, uma vez que os autores são influenciados pelas condições socioculturais das quais eles são contemporâneos.

As reflexões nesse campo são fundamentais para os alunos. É preciso fazer com que eles percebam como a linguagem, neste caso a literária, é carregada de simbologias e como ela consegue expressar as sensibilidades, os modos de agir, as tensões e os conflitos de uma determinada sociedade.

A literatura registra e expressa aspectos múltiplos do complexo, diversificado e conflituoso campo social no qual se insere e sobre o qual se refere. Ela é constituída a partir do mundo social e cultural e, também, constituinte deste; é testemunha efetuada pelo filtro de um olhar, de uma percepção e leitura da realidade, sendo inscrição, instrumento e proposição de caminhos, de projetos, de valores, de regras, de atitudes, de formas de sentir... (BORGES, 2010, p. 98).

Compreender a sociedade a qual o autor e suas produções literárias estão inseridos se tornam estratégias para despertar nos alunos o interesse pela leitura e pesquisa, permitindo a eles identificarem a trajetória de quem escreve determinada obra literária e como ela pode expressar o imaginário e as representações de mundo de um determinado corpo social.

Desse modo, podemos colocar que o uso da literatura no ensino de História tem cada vez mais contribuído para a valorização da interdisciplinaridade como eixo programático do processo de aprendizagem. Através dessa prática, estaremos despertando no estudante o exercício da imaginação histórica, da leitura e da interpretação, permitindo-lhes conhecer e exercitar o fazer histórico. Para além disso, permitimos a eles a própria condição de sujeito histórico, dando-lhes a condição de conhecer uma sociedade em seus vários aspectos. Além disso, através desse binômio (História-Literatura) é possível apresentar e debater com os alunos o ofício do historiador e os limites dessa própria relação, as particularidades dos textos históricos e das obras literárias e como elas tentam abordar a realidade.

O uso da literatura na aula de História pode ser feito de várias maneiras, desde uma estudo comparado entre os textos literários e o conteúdo de um livro didático – inclusive sendo esta uma ótima alternativa para o aluno confrontar informações sob diferentes perspectivas – até mesmo uma atividade de leitura dramática – em que se pode pedir para os estudantes identificarem as sensibilidades, as formas de comunicação, as mentalidades, dentre outros aspectos socioculturais.

Neste sentido, as fontes literárias são um dos melhores meios de que se dispõe a escola para quebrar as barreiras entre o passado e os interesses dos nossos alunos. Elas permitem aproximar o aluno do objeto de estudo, identificá-lo, analisá-lo, contextualizá-lo e valorá-lo. E permitem, também, perceber melhor as mudanças e continuidades entre o passado e o presente, tanto em relação às fontes da época, como em relação às obras recentes (BLANCH, 2013, p. 36).

As noções sobre a importância da literatura para o ensino de História estão atreladas ao seu papel de permitir acesso ao imaginário, às relações conflituosas, aos desejos, às sensibilidades por meio de personagens criados e moldados pelo escritor, este que, por sua vez, é influenciado pela sociedade e suas práticas. Neste sentido, “assim como as demais linguagens, gradualmente, a Literatura se tornou nas últimas décadas um importante documento para o professor que faz do texto literário uma fonte de investigação do passado” (CARDOSO; SAMPAIO; BARBOSA; LOPES, 2015, p. 277).

A literatura se configura como uma peça importante para o processo de ensino-aprendizagem, uma vez que permite trabalhar questões como a leitura e a interpretação, bem como a análise de textos e o confronto de informações de maneira mais lúdica e/ou dinâmica,

acessando os sentidos e as representações presentes nos textos literários. Diante das várias possibilidades que se apresentam ao professor para ministrar uma aula de História mais estimulante e ao mesmo tempo crítica e reflexiva, a literatura se apresenta como uma alternativa concreta, possibilitando abordar diferentes temáticas com a turma e estimulando o senso crítico dos alunos.

Partindo dessas reflexões, podemos inferir que as atividades que envolvem o uso da literatura permitem aos estudantes conhecerem um pouco sobre o ofício do historiador e como ele se vale de diferentes visões para investigar e interpretar o passado. Além disso, dá aos alunos a autonomia da pesquisa e construção do conhecimento, permitindo que eles se percebam como sujeitos históricos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na medida em que o professor procura realizar uma aula que quebra com o regime tradicionalista de ensino, ele não só dinamiza o processo de aprendizagem como também possibilita que o aluno seja um sujeito ativo na construção do conhecimento. Ao professor de História cabe pensar cada vez mais em estratégias pedagógicas que proporcione aos estudantes o contato com os elementos de construção das narrativas históricas, ou seja, apresentar para a turma quais os tipos de materiais (fontes) e quais as relações com outras áreas do conhecimento a História se vale para a produção do conhecimento.

Uma das possibilidades que se apresenta ao professor é a literatura, uma vez que ela é, segundo Sandra Pesavento:

[...] fonte de si mesma enquanto escrita de uma sensibilidade, enquanto registro, no tempo, das razões e sensibilidades dos homens em um certo momento da história. Dos seus sonhos, medos, angústias, pecados e virtudes, da regra e da contravenção, da ordem e da contramão da vida. A literatura registra a vida. Literatura é, sobretudo, impressão de vida. (PESAVENTO, 2006, p. 23)

Através da proposta de intervenção, tentando articular o ensino de História recorrendo ao uso da literatura, conseguimos manter a atenção da turma e evitando uma aula aos moldes tradicionais – de repetição e reprodução de conteúdos e de alunos meramente receptores de informações. Com isso, proporcionamos uma valorização da compreensão das dimensões socioculturais por meio da análise das características e comportamentos, do imaginário e dos costumes das sociedades do período da Idade Moderna.

Com a atividade de leitura dramática, condicionamos os alunos a interpretar, a sentirem e a vivenciarem as formas de comunicação, de expressão de sentimentos e os

ditames sociais de uma sociedade do passado. Não à toa, o retorno dos alunos quanto a proposta de dinamizar a aula com a produção desta atividade foi bastante positiva, de modo que todos que estavam em sala participaram.

Podemos encarar, desse modo, essa dupla relação entre História e Literatura como uma estratégia pedagógica, a fim de articular a compreensão e construção do conhecimento histórico, possibilitando, dessa maneira, o desenvolvimento de atividades que trazem uma dimensão de interpretação da vida cotidiana. Através de atividades como essa, valorizamos a interdisciplinaridade no conhecimento histórico.

Retornando Schmidt, a autora diz que “o professor de História pode ensinar o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias; o saber-fazer, o saber-fazer-bem, lançar os gernes do histórico”, e continua ainda ao afirmar que “ensinar História passa a ser, então, dar condições para que o aluno possa participar do processo do fazer, do construir a História.” (SCHMIDT, 1997, p. 57). Neste sentido, como ação pedagógica, o uso da literatura no ensino de História promove a construção de um conhecimento interdisciplinar, articulando o desenvolvimento dos alunos em diversas fronteiras, como a interpretação, a escrita, o desenvolvimento do senso crítico, a compreensão e contextualização do passado, que permite a problematização do presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi debatido neste artigo, observou-se as possibilidades, assim como os desafios de se trabalhar a Literatura como fonte de pesquisa e dinamização nas aulas de História. O debate teórico realizado envolve a trajetória de mudanças epistemológicas da historiografia e como a Literatura passa ser um campo de análise pelo historiador, bem como essa relação se direciona para a sala de aula.

Acreditamos que o uso de diferentes linguagens ou fontes documentais é muito enriquecedor para o ensino de História, uma vez que permite trabalhar o conteúdo sob diferentes perspectivas, abordando questões que muitas vezes não são apresentadas em livros didáticos. Além disso, coloca-se o aluno em uma posição na qual ele constrói o seu conhecimento junto com o professor, por meio da leitura, interpretação e sistematização das informações. Do mesmo modo, percebemos que o ensino de História fazendo uso dessas possibilidades como a literatura é uma ótima maneira de dinamizar as aulas.

A atividade desenvolvida a partir de uma experiência de monitoria mencionada aqui é apenas um exemplo da possibilidade de fazer uso da literatura como instrumento para a

construção do saber no processo de ensino-aprendizagem. Sem dúvidas, essa proposta metodológica tem se tornado uma constante bastante significativa e importante para o ensino de História.

REFERÊNCIAS

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. *Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica*. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131 – 144.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de história: fundamentos e métodos* – 2. ed. – São Paulo: Cortez, 2008.

BLANCH, Joan Pagès. *As fontes literárias no ensino de História*. Catalão: OPSIS, v. 13, n. 1, p. 33-42, 2013.

BORGES, Valdeci Rezende. *História e Literatura: Algumas Considerações*. Goiás: Revista de Teoria da História, Ano 1, n. 3, p. 94-109, 2010.

CARDOSO, Gleudson Passos; SAMPAIO, Aline Rodrigues; BARBOSA, Albertina Paiva; LOPES, Danielle Almeida. Literatura e Ensino de História. In: JUNIOR, Antonio Germano Magalhães; ARAÚJO, Fátima Maria Leitão (Org.). *Ensino & linguagens da história*. Fortaleza: EdUECE, 2015. p. 267-299.

FEBVRE, Lucien. *Combates pela História*. Ed.: 2ª. Lisboa: Editora Presença, Lda. 1989.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MEDEIROS, Elizabeth Weber. *Ensino de História: fontes e linguagens para uma prática renovada*. Santa Maria: VIDYA, v. 25, n. 2, p. 59-71, 2007.

METZLER, Marta. *Leitura dramatizada: objeto de fruição – Instrumento de estudo*. Congresso Brasileiro de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas (4 : 2006 : Rio de Janeiro) Anais / do IV Congresso Brasileiro de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas ; organização Maria de Lourdes Rabetti. - Rio de Janeiro: Letras, 2006, p. 231-2.

MICELI, Paulo. *História Moderna*. São Paulo: Contexto, 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 2º Ed.reimp-Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e literatura: uma velha-nova História. In: COSTA, Cléria Botelho da; MACHADO, Maria Clara Tomaz (Orgs.). *História e literatura: identidades e fronteiras*. Uberlândia: EDUFU, 2006, p. 11-26.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O mundo como texto: leitura da História e da Literatura*. Pelotas: História da Educação, ASPHE/ FaE/ UFPel, p. 31- 45, 2003.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, Circe (org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1997, p.55-66.